

Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde

Cyberbullying: concepts, dynamics, characters and health implications

Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira¹
Suely Ferreira Deslandes²

Abstract *The study aimed to conduct a critical review of a set of bibliographical reviews to identify how the scientific community understands cyberbullying, how the phenomenon has been conceptualized, how its dynamics have been described, what characters are identified and what associations are related to the health of intimidated persons and perpetrators. The literature has shown that there is no consensus on the concept of cyberbullying, but there are arguments that advocate its specificity and differentiation vis-à-vis bullying, (it can occur at any moment and without a physically demarcated space; it can be disseminated globally, the length of permanence of the offensive posts is undetermined). As for the gender issue associated with this practice, a reductionist bias was observed in the debate, indicating differences based on an alleged technological superiority of boys. The reviewed studies show that both victims and those who practice cyberbullying undergo negative experiences in their psychological and behavioral health, where school dropout may also occur, along with social isolation, depression, suicidal ideation and suicide. However, there is hardly any questioning about cyberculture and how it establishes new socialities – knowledge and debate crucial to understanding the phenomenon.*

Key words *Cyberbullying, Violence, Social networks, Cyberspace, Health*

Resumo *O estudo buscou realizar a revisão crítica de um conjunto de revisões bibliográficas no intuito de conhecer como o cyberbullying é compreendido pela comunidade científica, como o fenômeno vem sendo conceituado, como suas dinâmicas têm sido descritas, quais personagens identificados e quais as associações apontadas à saúde das pessoas intimidadas e dos perpetradores. A literatura mostrou que não há um consenso sobre a conceituação de cyberbullying, contudo há argumentos que defendem sua especificidade e diferenciação em relação ao bullying. Ele pode ocorrer a qualquer momento e sem um espaço demarcado fisicamente, pode ser disseminado globalmente, o tempo de permanência das postagens ofensivas é indeterminado. Quanto à questão de gênero associada a essa prática, observou-se um viés reducionista do debate, indicando diferenças baseadas numa suposta superioridade tecnológica dos meninos. Os estudos revisados apontam que tanto as vítimas quanto os praticantes de cyberbullying vivenciam experiências negativas em sua saúde psicológica e comportamental, podendo ocorrer inclusive evasão escolar, isolamento social, depressão, ideação suicida e suicídio. Todavia, pouco se problematiza sobre a cultura cyber e como esta estabelece novas socialidades – conhecimento e debate cruciais à compreensão do fenômeno.*

Palavras-chave *Cyberbullying, Violência, Redes sociais, Ciberespaço, Saúde*

¹ Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz. R. Leopoldo Bulhões 1480, Manguinhos. 21041-210 Rio de Janeiro RJ Brasil. taiza.as@gmail.com
² Departamento de Ensino, Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

Introdução

O *cyberbullying* é uma nova forma de violência sistemática que se configura como um “problema social”, constituindo tema e preocupação de diversos campos disciplinares, além de ser representado por alguns autores como uma questão de saúde pública¹⁻⁵. As distintas configurações do *Cyberbullying* podem ser reconhecidas como atos de violência psicológica e sistemática contra crianças e adolescentes perpetrados nas ambiências das redes de sociabilidade digital, podendo ocorrer a qualquer momento e sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente. Essa forma de agressão é perpetrada por meios eletrônicos, sejam estes, mensagens de textos, fotos, áudios, ou vídeos, expressos nas redes sociais ou em jogos em rede, transmitidas por telefones celulares, tablets ou computadores e cujo teor tem a intencionalidade de causar dano à outra pessoa de modo repetitivo e hostil, conforme Ortega et al. (apud Brochado et al.⁶).

O *cyberbullying* tem emergência recente e sua conceituação, ainda em construção, abriga considerável polissemia em suas definições⁷⁻¹⁰. Pesquisas apontam que essa diversidade conceitual por vezes tem direcionado os estudiosos a usar termos diferentes para se referir ao mesmo conceito ou usar o mesmo termo com diferentes significados^{11,12} (Ybarra et al. apud Lucas-Molina et al.¹³).

Nota-se que a violência também se manifesta neste novo espaço, o “ciberespaço”, ou seja, nesse “lugar” de interação que se dá no contexto de uma cultura peculiar, conhecida como cultura “ciber” ou cibercultura. Vale pontuar que alguns autores questionam se o conceito de cibercultura ainda seria válido, dado o borramento das fronteiras, considerando que as relações digitais atravessam de forma onipresente o cotidiano¹⁴.

O termo sociabilidade, cunhado por Mafesoli¹⁵ faz referência aos hábitos, costumes e uma espécie de polidez presente na contemporaneidade. A socialidade digital produz um *ethos* que gera a necessidade de construir uma imagem social positiva. O que é postado em rede, a maneira como se é visto nesse ambiente ou ainda as máscaras que são construídas sobre si nesse espaço valoram essa teatralidade a partir daquilo que se quer ou se permite que os outros vejam¹⁵. Para crianças e adolescentes que estão em desenvolvimento, essa identidade que se constrói pode ser significativamente influenciada a partir dos padrões impostos pela rede. A necessidade de “estar conectado”, sendo sempre visto por outros vem sendo aprimorada a cada nova atualização que os

aplicativos de redes sociais geram, criando e forçando novas experiências de compartilhamento para os seus usuários digitais. Bruno¹⁶ vai refletir sobre a importância do olhar do outro para constituir a imagem de si, uma imagem engendrada na perspectiva de espetáculo que contribui para a construção de uma autoestima balizada pela popularidade que se tem nas redes sociais. Observa-se, a partir da reflexão de Bruno¹⁶ que os vínculos que se estabelecem não precisam ser necessariamente fortes para influenciarem as redes sociais. Por vezes, aqueles que mais curtem e comentam um conteúdo digital são pessoas cujas vinculações sociais constituem “laços fracos”. Outra característica é a fluidez dessas relações, pois mesmo modo que novas conexões são estabelecidas, exclusões e bloqueio de pessoas podem ocorrer sem motivos relevantes¹⁷.

Ao falar sobre a “realidade social da virtualidade da internet”, Castells¹⁸ afirma que a internet foi apropriada pela prática social em toda a sua diversidade, embora ela tenha efeitos específicos sobre tais práticas. Aborda como as pessoas se comportam no ambiente virtual como esperam ser vistas pelos outros. Os jovens, por exemplo, estão nesse processo de descoberta de identidade, de desvendar quem de fato eles são ou gostariam de ser.

As relações digitais redefinem dinâmicas sociais contemporâneas, convocando aos indivíduos estarem sempre conectados através das novas tecnologias, independente da geolocalização, tempo e do quantitativo de pessoas a quem estão vinculados. Traço marcante da sociabilidade digital é a hipervisibilidade¹⁹, uma exposição constante e voluntária dos fatos e atos, cotidianos e íntimos. O privado passa a ser publicizado a partir dos compartilhamentos realizados neste mundo de informações instantâneas, em tempo real²⁰.

Os jovens, “nativos digitais”¹⁶ estão cada vez mais cedo conectados nas redes sociais digitais através das TICs—Tecnologias de Informação e Comunicação. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – PNAD²¹, no Brasil aproximadamente 102,1 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade tiveram acesso à internet no período em que a pesquisa ocorreu. Em 2015, ano da pesquisa, com relação aos grupos etários, observou-se que os adolescentes de 15 a 17 anos, bem como os de 18 e 19 anos de idade apresentaram o maior índice percentual dentre os usuários da internet (sendo 82% e 82,9% respectivamente). Brunnet et al.²² apontam um estudo americano que descreve que em média 93% dos adolescentes entre 12 e 17 anos acessam

a internet e dessa população 75% possuem seu próprio celular.

O uso da internet, em especial de redes de relacionamentos favorece as práticas de violações que vão desde a invasão de contas em sites de relacionamentos, criação de falsos perfis para provocação, ameaças e até mesmo o convite ao suicídio por sites clandestinos ou comunidades²³.

Assim, o *Cyberbullying* é uma modalidade de violência que se apresenta de forma disseminada e tem sido incluída no campo discursivo da saúde a partir das associações entre sua prática e os desfechos deletérios à saúde dos perpetradores e dos intimidados²⁴. Estudo sobre a literatura médica identificou que o uso de internet por mais de três horas diárias aumenta em quatro vezes a chance de um jovem ser alvo de *Cyberbullying*²⁵.

Embora associado ao tema do *bullying*, mais consolidado teoricamente, o *cyberbullying* tem recebido bastante atenção da comunidade científica internacional, contudo pouco estudado no Brasil.

Diante disso, o artigo tem como objetivo analisar as conceituações de *Cyberbullying* adotadas pela literatura nacional e internacional, produzida no Campo da Saúde e Educação, enfocando suas ênfases e “ausências”, como caracterizam suas dinâmicas relacionais e as associações que delimitam entre o fenômeno e a saúde de crianças e adolescentes.

Métodos

Trata-se de revisão de literatura do tipo “revisão crítica” (*critical review*). Essa abordagem metodológica objetiva analisar criticamente a literatura sobre um tema, revelando fraquezas, contradições, controvérsias ou inconsistências²⁶. A contribuição de uma revisão crítica reside na sua capacidade de destacar problemas, discrepâncias ou áreas em que o conhecimento existente sobre um tópico não é confiável²⁷. O escopo analisado para uma revisão crítica pode ser seletivo ou estatisticamente representativo. Esse tipo de revisão raramente avalia a qualidade dos estudos selecionados, o que é considerado o seu ponto crítico. Semelhante às revisões teóricas, as revisões críticas podem aplicar diversos métodos de análise, sejam os de viés interpretativo (síntese interpretativa, análise de discurso, análise temática por exemplo) até os de caráter mais positivista (análise de conteúdo).

Foram levantados artigos científicos nas bases de periódicos internacionais Scielo, BVS,

Scopus, PubMed, APA (American Psychological Association), ERIC e ASSIA (Applied Social Sciences Index and Abstracts), durante o mês de fevereiro de 2017.

Durante a busca inicial foi empregado o termo ‘cyberbullying’ em todos os campos (*all fields*), resultando um acervo de 7.785 artigos. Ao buscar o termo “*cyberbullying*” no Medical Subject Headings (MeSH), encontrou-se somente o termo *bullying* (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh/?term=cyberbullying>). Dentre esses milhares de artigos vários tratavam o tema do *cyberbullying* de modo secundário ou apenas como citação.

Visando reduzir e qualificar mais esse acervo, optamos por trabalhar apenas os estudos de revisões, sendo selecionados os textos onde o termo “*cyberbullying*” constava no título e “revisão” era mencionado em todos os campos. Consideramos artigos de revisão de qualquer natureza, designados pelos próprios autores e pertencentes às mais distintas modalidades: revisão bibliográfica, revisão comparativa, revisão compreensiva, revisão crítica sistemática, revisão de evidências, revisão de literatura, revisão sistemática, revisão não sistemáticas e, revisão narrativa.

Aplicamos critérios de exclusão tais como textos incompletos, textos não disponíveis para acesso livre, capítulos de livros, acervo cinza, dissertações, monografias, resultando em 301 estudos. Depois da análise de cada artigo foram identificadas 156 artigos em duplicidade que não haviam sido identificadas pelo programa de gerenciamento de referências (MENDLEY), como nos casos de estudos registrados em escrita com caixa alta e/ou com tradução de texto para idioma inglês; quando o estudo original estava em idioma espanhol ou francês; e, quando houve subtração de autores tendo sido registrado apenas o primeiro autor seguido de et al. Avaliando o acervo de 145 artigos, novo refinamento foi realizado com recorte temporal de publicações datadas entre 2006 a 2016, visando analisar como o tema vem sendo difundido na última década. Definimos, por fim, um acervo de 72 artigos de revisão.

O acervo foi classificado em ordem alfabética com base no sobrenome de referência dos autores, por ano de publicação e por título (Tabela 1). Os artigos foram lidos na íntegra e seus conteúdos foram identificados e interpretados via análise temática a partir das seguintes categorias por nós definidas como centrais aos propósitos do estudo: conceituações do *cyberbullying*, dinâmicas, personagens e implicações à saúde.

Tabela 1. Categorização do acervo segundo ano de publicação, nacionalidade e idioma.

Publicações	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Número de publicações	8	21	12	11	7	6	1	2	1	2	1
Nacionalidade do estudo	EUA, Reino Unido, Austrália, Portugal, Bélgica, Espanha e Grécia	EUA, Singapura, Grécia, Itália, Brasil, China, Canadá, França, Austrália, Reino Unido e Espanha	França, EUA, Itália, Turquia e Reino Unido	EUA, Canadá e Brasil	Suécia, Alemanha, Suíça, Reino Unido, EUA e Colômbia	EUA, Espanha, México, Austrália	EUA	Austrália	EUA	EUA	Canadá
Idioma	Inglês (7) e Espanhol (1)	Inglês (18), Português (2) e Francês (1)	Françês (1), Inglês (10) e Português (1)	Inglês (10) e Português (1)	Inglês (6), Espanhol (1)	Inglês (2) e Espanhol (2)	Inglês (1)	Inglês (2)	Inglês (1)	Inglês (2)	Inglês (1)

Resultados

Observa-se uma produção crescente no período analisado (exceto 2016), com predominância de artigos americanos (27). O baixo número de publicações em 2016 pode refletir o pouco tempo entre a publicação e a sua disponibilização nas bases de indexação, pois a busca foi feita no início de 2017.

Com relação aos campos da Saúde e Educação, não houve diferenças significativas quanto ao número de publicações Saúde (26) e Educação (27), muito menos ao tipo de abordagem produzida sobre o tema. As demais publicações foram consideradas como multidisciplinar/interdisciplinar. As revistas com maior representação neste acervo foram *Aggression and Violent Behavior* (10) seguida da *Computers in Human Behavior* (5). Assim, tratamos o acervo a partir das especificidades entre os estudos e não de suas áreas de origem.

Conceituação

O *cyberbullying* possui muitas conceituações, revelando distintas interpretações adotadas pela comunidade científica. Parte dos estudos analisados não construiu uma definição para o *cyberbullying*, mas toma de empréstimo os conceitos de *bullying*, agressão e assédio, já existentes na literatura^{2,28-36}.

Havia no acervo uma polifonia de definições para o *cyberbullying*, sugerindo que a comunidade científica não produziu um consenso sobre o entendimento da natureza e limites do fenômeno. Talvez por “imaturidade” ou como reflexo dessa processualidade, visto que as relações digitais são dinâmicas e influenciadas pelas novas tecnologias, constantemente incorporadas ao universo ciber. Todavia, tal polissemia, gera uma espécie de inconsistência nos dados das pesquisas e dificuldades de comparação entre os estudos³⁷.

As traduções de definições propostas em inglês e apropriadas por estudos de língua latina podem também variar semanticamente e levar a compreensões diferenciadas, como no exemplo dos sentidos entre *cyberbullying* e acoso digital. Estudos alemães, usam o termo *ciber-mobbing*. Tais termos retraduzidos ao português produzem ênfases diferenciadas. No caso da tradução de *acoso* se evidencia o caráter de perseguição sistemática, característica não necessariamente presente no fenômeno do *cyberbullying*.

Aboujaoude et al.³⁷ identificaram diferentes designações para o *cyberbullying*, como *cybers-*

talking, agressão *on-line*, assédio cibernético, assédio na Internet, *bullying* na Internet e vitimização cibernética ou cybervitimização. A natureza hostil do ato e a intenção de causar sofrimento foram considerados pela maioria dos estudiosos como cruciais para a definição de *cyberbullying*.

Como avalia Smith³⁸ caracterizar o *cyberbullying* apenas como uma forma de “*bullying* digital” tem sido uma tendência e, após analisarem diversos estudos, concluem que existe um debate sobre o uso de uma definição generalista (*bullying*) ou a necessidade de substituí-la por outra mais específica.

Considerando o acervo analisado, as principais definições adotadas podem ser divididas em dois blocos: as que reconhecem o *cyberbullying* como uma (nova) forma de *bullying*, apontando diferenças e similaridades; e, as que tratam o *cyberbullying* como um fenômeno de outra natureza, diferente do *bullying*. Analisaremos a seguir os argumentos que tratam das especificidades que aproximariam e que distinguiriam o *bullying* e o *cyberbullying*.

No primeiro bloco de estudos, a maioria do acervo reconhece o *cyberbullying* como o *bullying* por meio digital e/ou uma variação do *bullying*.

Dentre os autores que percebem o *cyberbullying* como uma variação de *bullying* alguns defendem a importância de contextualizar a violência digital e sua expressão nos comportamentos agressivos³⁹⁻⁴³. A revisão de Allison e Bussey⁴³ apresenta o *cyberbullying* como “agressão intencional por meio eletrônico”, que ocorre de várias formas como: insultos, ameaças, divulgação de fotos embaraçosas e pode ser perpetrado através de diversas mídias, sem a necessidade da presença física dos envolvidos. Os autores se basearam em extensa literatura de *bullying* e ao compará-lo ao *cyberbullying*, constataram que são diferentes em muitos aspectos, tais como: anonimato, maior impacto, uma maior audiência de espectadores, individualidade na prática de perpetrar, ser dispensável a presença física dos envolvidos e a vítima ser atingida em qualquer lugar e a qualquer momento⁴⁴⁻⁴⁶. Para alguns, o caráter repetitivo não estaria necessariamente presente no *cyberbullying*^{2,47-49}, pois apenas uma postagem depreciativa leva o conteúdo a ficar permanentemente exposto. Já a capacidade de anonimato é apontada como a principal/única diferença entre os dois fenômenos^{31,36,43}.

Algumas revisões^{37,40,50-52} revelaram que não há consenso se a repetição das ações e o desequilíbrio de poder seriam dinâmicas do *cyberbullying*, mas certamente ocorrem nos casos do *bullying*.

O desequilíbrio de poder foi associado diversas vezes como suposta incapacidade de resposta por parte da pessoa alvo do *cyberbullying*, ou ainda por falta de habilidades tecnológicas que permitiriam uma melhor resposta no meio digital. Para Faucher et al.⁵³ esse exercício de poder estaria associado ao quão vulnerável estão os conteúdos privados da pessoa alvo ou ainda por divulgar tais informações sem levar em conta as consequências de uma exposição nas redes sociais⁵⁴.

Em relação às similaridades, grande parte dos estudos aponta o caráter de repetição, o uso das palavras ferinas, o desequilíbrio de poder e o dano intencional^{5,9,22,29,31,42,48,52,55-61}. Thomas et al.⁴⁶ afirmam que os ataques de *bullying* e de *cyberbullying* são mais parecidos que diferentes, e muitas vezes concorrem.

Para Yang e Grinshteyn⁵, o fechamento de uma acepção conceitual não seria benéfico, pois uma definição delimitada e concisa poderia excluir grande quantidade de comportamentos potencialmente nocivos. Além disso, uma definição que inclui elementos descritivos da prática de *cyberbullying* especificando certos tipos de dispositivos eletrônicos com o passar do tempo pode se tornar obsoleta após o lançamento de novas tecnologias.

No segundo bloco estão os autores que afirmam que *cyberbullying* é uma *nova forma de agressão*, que apresenta diferenças significativas em relação ao *bullying*, todavia muitos deles não se dedicaram a produzir uma teoria ou definição específica^{6,59,60,62-64}.

Considerando a argumentação sobre a natureza inédita do fenômeno, aponta-se o papel da audiência no contexto da perpetração^{38,64}. A audiência do *cyberbullying* é concedida em larga escala pelas plataformas digitais, propagando esse conteúdo depreciativo para milhares de pessoas, tanto no ato da transmissão da mensagem, vídeo ao vivo ou em outro momento, além da possibilidade de baixar o conteúdo para acesso *off-line*. Logo, a capacidade exponencial de compartilhamento desse conteúdo não pode ser dimensionada pelo perpetrador, e, mesmo que a intenção de propagação do conteúdo seja para um grupo menor de pessoas, o intimidador passa a não ter mais domínio sobre esse conteúdo. Quanto mais visualizado e/ou compartilhado a audiência aumenta significativamente, diferente do *bullying*, cuja audiência é limitada ao público que estava presente no momento do ataque. No caso *bullying*, mesmo que a cada novo ataque o grupo de espectadores cresça, não se compara ao número de pessoas que terão acesso a um conteúdo hostil na internet.

Brown et al.¹ alertam que o ambiente virtual favorece a desinibição, mencionando o caso de pessoas que sofrem com o *bullying* e que utilizam a internet para se vingar daquele que praticou tal *bullying*, já que a internet lhes oferta a possibilidade de anonimato através de identidade alternativa (uso de perfis falsos) para assediar. Assim, em alguns casos quem sofre *bullying* pode ser um perpetrador de *cyberbullying* contra seu algoz de *bullying* face a face, principalmente quando essa “revanche” não seria possível acontecer, como entre sujeitos com diferença de padrões físicos.

Cabe mencionar que parte dos estudos corrobora acerca de suposta inconsistência nas definições encontradas na literatura^{48,49,65} e que falta consenso entre os estudiosos que investigam o tema, seja com relação às conceituações e termos ou sobre os aspectos de semelhança e diferença entre o *cyberbullying* e *bullying*. Conforme esse arcabouço teórico se expande, é provável que novas discordâncias científicas perpassem por esse campo em construção.

Descrições das dinâmicas

As dinâmicas de *cyberbullying* dependem das ações e representações de cada pessoa envolvida nesse círculo de violência. Neste cenário atuam os perpetradores – os que praticam a violência, os acometidos (chamados de vítimas), os espectadores (aqueles que assistem e compartilham o conteúdo que viola outrem), os educadores e pais, que por vezes são os últimos a tomar conhecimento do abuso.

Houve diferenças significativas sobre as descrições das dinâmicas do *cyberbullying* e os motivos prováveis estariam associados ao período em que os estudos foram publicados, pois algumas formas de *cyberbullying* ainda não eram reconhecidas anteriormente e os tipos de dispositivos tecnológicos e as formas de conversação/comunicação e compartilhamento de conteúdo online disponíveis também mudaram rapidamente. Há algum tempo, o e-mail e as mensagens de texto eram as formas mais disseminadas, atualmente as interações através das redes sociais ganharam maior espaço entre os jovens (transmissão ao vivo, vídeos chamadas, compartilhamentos em massa, jogos online em grupo etc.).

Destacam-se quatro estudos que exemplificam as dinâmicas de *cyberbullying*. Julia Wilkins et al.⁶⁶ descrevem, fundamentados no texto que instituiu o Programa Anti-Bullying de Londres sete tipos de *cyberbullying* e Suzuki et al.⁵⁴ também identificam as mesmas modalidades,

a seguir compiladas: 1. Por mensagem de texto - enviada via telefone celular com a intenção de causar desconforto e ameaça; 2. Imagem/videoclipe - quando as imagens das vítimas são enviadas para outras pessoas no intuito de ameaçar ou constranger; 3. Intimidação por chamada telefônica - por meio de chamadas silenciosas ou por mensagens abusivas ou quando o celular da vítima é roubado e usado para perseguir outros culpando o proprietário do telefone; 4. intimidação por e-mail: quando são enviados conteúdos, muitas vezes usando um pseudônimo ou o nome de outra pessoa para fazer com que essa pessoa se pareça com o perpetrador (modalidade desatualizada); 5. *chat room bullying* - respostas agressivas e intimidadoras em sala de bate papos (também mais desatualizada) 6. intimidação através de mensagens instantâneas 7. *bullying* através de *websites* – com uso de blogs difamatórios, sites pessoais, sites de pesquisa pessoais *online* e sites de redes sociais (por exemplo, MySpace), além da criação de fóruns.

Entre as dinâmicas do *cyberbullying* destacadas na literatura estariam: “*namecalling*” (apelidar alguém de modo rude), propagação de rumores, “*flamings*” (discussões calorosas *online*), ameaças, fingir ser outra pessoa *online* (*fakenames*), envio de fotos indesejadas ou mensagens de texto; (*sexting*) postar e/ou compartilhar imagens e vídeos com conteúdo íntimo de outra pessoa sem consentimento desta², excluir uma pessoa de um círculo social online de forma intencional³¹. Além das redes sociais, o *cyberbullying* também se manifestaria em jogos MMOGs - jogos *online* com múltiplos jogadores (*multiplayers games*), um jogador poderoso pode “trollar” (zombar, humilhar) alguém, roubando itens do jogo como: recompensas, invadindo a conta, formar gangues e bloquear pessoas em uma rede social; fazendo piadas com a imagem de uma pessoa e controlando remotamente a câmera/computador de uma pessoa sem o consentimento desta⁵⁹.

A revisão de Kowalski et al.⁴⁴ ratifica as formas já mencionadas e reconhece outras formas de perpetração, entre elas: *harassment* (envio de mensagens repetitivas e com conteúdo ofensivo), bloqueio online, solicitar informação online de conteúdo pessoal e posteriormente compartilhar a terceiros sem consentimento; *cyber-stalking* (usar comunicação eletrônica para perseguir outra pessoa) e postar informação inapropriada ou de cunho depreciativo se passando por outra pessoa.

Mehari et al.⁶³ refletem que os comportamentos agressivos nas relações sociais na internet têm

baixo controle social e são menos recriminados se comparados aos perpetrados nas relações face a face. Outro aspecto apontado na revisão de Mehari et al.⁶³ é a falta ou escassez de indícios verbais, que aumentaria a probabilidade de desentendimentos e interpretações errôneas. Assim, o que um jovem pretende como uma brincadeira, interação amigável pode rapidamente tornar-se uma interação mutuamente agressiva se a outra pessoa interpreta o comentário como um insulto ou uma ameaça. A falta de sugestões não verbais também pode reduzir a empatia, que serve como um controle natural do comportamento dos adolescentes.

Arsene e Raynaud²⁵ destacam que o *cyberbullying* que ocorre por meios visuais (foto ou vídeo) é mais prejudicial e mais negativo do que os que envolvem mensagens por (SMS) e de texto na Internet. As consequências seriam mais graves, as vítimas mais afetadas do que em outras formas de *cyberbullying* e o risco de sofrimento psicossocial teria maior potencial. Na revisão desses autores²⁵ as fotos ou vídeos tiveram impacto mais negativo do que no assédio tradicional (interpretado como *bullying*).

Personagens envolvidos

Os principais personagens do *cyberbullying* são os praticantes e as pessoas escolhidas como alvo (as denominadas vítimas). Poucos estudos como os Allison e Bulsey⁴³ e Desmet et al.⁶⁷ analisaram a figura dos espectadores (testemunhas) e seu papel na manutenção do ciclo de violência e propagação do *cyberbullying*. Allison e Bulsey⁴³ identificaram quais os fatores que influenciam as respostas das testemunhas aos atos de *cyberbullying*. Concluíram que os espectadores são importantes no *cyberbullying*, pois eles tem “o potencial de alterar a situação ao intervir, mas a maioria das testemunhas permanece passiva”. Outro estudo indica que os espectadores seriam capazes de determinar qual o potencial de extensão que um episódio de *cyberbullying* pode ter ao compartilhar, curtir, comentar um ato de violência nestes moldes⁶⁸.

Há divergência na literatura analisada com relação ao recorte de gênero que perpassa o *cyberbullying*. A maioria reduz o debate à variável “sexo”, buscando saber se meninos ou meninas são maiores vítimas ou agressoras, ou quais deles sofreriam mais as consequências do *cyberbullying*^{32,48}. Bauman³² identificaram na literatura casos de pessoas do sexo masculino que ao mesmo tempo eram praticantes de *cyberbullying* e

de *bullying*. Para outros estudos, pessoas do sexo feminino estariam mais envolvidas em *cyberbullying* e os meninos em situações de *bullying*. Isso sem considerar a orientação sexual desses indivíduos ou sua posição de gênero. Bailey³¹ alega haver dissenso sobre os rapazes serem os maiores causadores de *cyberbullying*.

Por outro lado, muitos autores acabam por reforçar estereótipos de gênero de forma acrítica. No estudo Dooley et al.⁶⁹, as garotas teriam maior interesse com a aparência, saúde, enquanto garotos estariam mais implicados com jogos on-line. Tal texto reproduz uma leitura de gênero onde meninas tendem a ter laços de amizades mais intensos, compartilhando conteúdos íntimos e segredos pessoais, principalmente através de mensagens de texto, já meninos socializam nas redes sociais em maiores grupos e compartilham menos detalhes pessoais. Chibbaro⁴² destaca estudo que afirma que a maioria (53%) das meninas sofreram *cyberbullying* de conhecidos como colega da escola, seguido de amigo e em um número menor, o irmão foi o causador do ato. Alim²⁴, baseado no site NoBullying.com, afirma que as meninas são duas vezes mais causadoras de *Cyberbullying* do que os meninos porque meninos seriam mais agressivos, em termos físicos, enquanto que meninas tendem a ser mais “silenciosas” quando querem atingir alguém, por vezes quando intimidam o fazem em série. Na mesma linha sexista, estudos como de Chan e Wong⁶⁰ alegam que garotos são os maiores perpetradores por serem mais hábeis no uso de tecnologias do que as garotas.

Com relação à faixa etária também houve dissenso. A maior incidência está entre os adolescentes e os casos diminuem na fase universitária⁵¹. Segundo Suzuki et al.⁵⁴ as meninas seriam as maiores acometidas, porém entre 15 e 17 anos a incidência é muito maior do que entre jovens de 12 e 14 anos. Para Hamn et al.⁷⁰ o fator idade não é determinante para ser alvo de *Cyberbullying*.

Para Alim²⁴ haveria um recorte de condição social, pois os que mais sofreriam seriam pessoas oriundas dos estratos de baixa renda.

Da mesma forma não há uma concordância na literatura sobre o recorte étnico/racial. Estudantes brancos são considerados maiores perpetradores do que outras categorias étnicas^{70,71}. O estudo de Peterson e Peterson⁷¹ foi o único que objetivou examinar possíveis ligações entre comportamentos de *cyberbullying* e grupos étnicos específicos. Essa lacuna parece evidenciar que se desconsidera que a discriminação por etnia/cor da pele pode gerar experiências de *cyberbullying*.

Para Peterson e Peterson⁷¹ alguns aspectos precisam ser analisados, tais como: o perfil populacional das pessoas que utilizam TICs; a escassez de estudos que analisam especificamente o quesito raça/cor, bem como o território em que esses estudos estão sendo produzidos e onde esses dados de amostras estão sendo coletas.

Associações e implicação com a saúde dos envolvidos

As psicopatologias estão entre as principais implicações à saúde dos envolvidos nas práticas de *cyberbullying*^{25,72-75}.

Os principais agravos listados para os que sofrem foram insônia, depressão, baixo rendimento escolar ou baixa concentração⁷⁶. Brunnet et al.²² apresenta estudos que afirmam que pessoas que sofrem *Cyberbullying* tem menos horas de sono e menos apetite do que pessoas que sofreram outras formas de violência. Bailey³¹ ao analisar a Child Behavior Checklist (CBC) inclusa em um dos estudos verificados, indicou que aqueles assediados por conhecidos também eram “mais propensos a relatar maiores conflitos com os pais, casos de abuso físico ou sexual, vitimização interpessoal *off-line* e comportamento agressivo além de outros problemas sociais”.

Aquele que é intimidado com *cyberbullying* teria aproximadamente oito vezes mais chances de levar uma arma para escola do que outros estudantes que não tiveram essa experiência²². Grande parte dos estudos considera ainda que o *cyberbullying* estaria associado à depressão, uso de drogas, ideação suicida e suicídio, estresse, solidão e ansiedade^{61,77,78}, com consequências psiquiátricas que afetam a saúde mental e o desenvolvimento escolar², principalmente dos adolescentes que são alvo. A busca por experiências de risco, “vício no uso de internet”, solidão e o suicídio são alguns dos fatores psicológicos para ambos os personagens (vítimas e agressores), sendo que para os que praticam os fatores estariam interligados entre si²⁴. Não encontramos subsídios que fundamentem os impactos da saúde dos espectadores.

Discussão

A escassez de estudos que refletem sobre a contextualização do *cyberbullying* na cibercultura^{10,14,41,79} e nos seus modos de socialidade foi o aspecto mais marcante nesta revisão de revisões. Como discutir um fenômeno sem relacionar ao seu contexto sociocultural de produção e repro-

dução? É preciso reconhecer que a juventude que vivencia o *cyberbullying* é em boa parte “nativa digital”, implicando o domínio de comportamentos e gramáticas próprias, além desse espaço de convivência ser estratégico às afirmações identitárias desse segmento^{1,80}.

Percebe-se que apesar da redundância conceitual houve um avanço expressivo na busca por aprofundar as especificidades características do *Cyberbullying*. Salienta-se ainda a peculiaridade no *cyberbullying* da expansão exponencial do público de expectadores no que tange à disseminação do conteúdo ofensivo e por tempo indeterminado - elementos que desafiam o trabalho de promoção de resiliência aos que sofreram tais práticas. Uma pessoa pode ser estigmatizada por um longo período à medida que esse conteúdo não pode ser apagado facilmente, como nos casos de *sexting* em que o conteúdo fica disponível em buscadores associados ao nome da pessoa que sofreu a violência. Uma vez que o *Cyberbullying* pode ocorrer em qualquer tempo e território e se dispõe de mecanismos de ocultação de conteúdos e torna mais difícil a detecção prévia por parte dos adultos e responsáveis.

Em relação aos aspectos de gênero, destacamos a revisão de Chan e Wong⁶⁰ que analisou as taxas de prevalência de *bullying* e *cyberbullying* a respeito das características dos praticantes e intimidados e em que circunstâncias a ações eram descritas na China, Taiwan, Hong Kong e Macau. Percebemos um discurso sexista quando os autores fazem um recorte de gênero em sua análise e como exemplos mencionam no estudo que em Taiwan um dos fatos de meninos serem os maiores intimidadores se justificaria por uma maior habilidade no uso de tecnologias. Apesar da questão cultural ser evidente, favorece a interpretações de que as adolescentes do sexo feminino não teriam habilidades com tecnologias se comparadas aos adolescentes do sexo masculino, não refletindo sobre o tipo de acesso que as meninas possuem aos meios tecnológicos, culturais e educacionais em países onde o homem é considerado superior. Outro registro sexista aparece no estudo de Chisholm⁵⁹ que defende que meninas tendem a se envolver em agressão indireta, social e relacional, como no *cyberbullying*, para excluir pessoas em redes sociais e espalhar rumores. A natureza “competitiva” das mulheres foi um aspecto destacado por Wingate et al.⁵⁸ ao corroborar a ideia que as garotas estariam mais envolvidas com práticas de *cyberbullying* relacionais.

Por fim, notamos também que é consensual o reconhecimento de impactos na saúde psíquica e

no cotidiano escolar dos intimidados e apenas um pequeno grupo reconhece que existem impactos entre os intimidadores. No contexto da Saúde o tema ainda é recente e pouco disseminado, anunciando um longo percurso a ser percorrido no

sentido de sua compreensão e de posicionamento do campo. Já no contexto da Educação, o tema começou a ser discutido anteriormente, o que pode ser atribuído à recorrente correlação com o *bullying* que perpassa o cotidiano da escola.

Colaboradores

As autoras contribuíram igualmente em todas as fases de elaboração e redação do artigo.

Referências

1. Brown K, Jackson M, Cassidy W. Cyber-Bullying: Developing Policy to Direct Responses that are Equitable and Effective in Addressing this Special Form of Bullying. *Canadian Journal of Educational Administration and Policy* 2006; 57(18):1-36.
2. Carpenter LM, Hubbard GB. Cyberbullying: Implications for the Psychiatric Nurse Practitioner: Cyberbullying: Implications for the Psychiatric Nurse Practitioner. *J Child Adolesc Psychiatr Nurs* 2014; 27(3):142-148.
3. Nixon C. Current perspectives: the impact of cyberbullying on adolescent health. *Adolesc Health Med Ther* 2014; 5:143-158.
4. Bottino SMB, Bottino CMC, Regina CG, Correia AVL, Ribeiro WS. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saude Publica* 2015; 31(3):463-475.
5. Yang YT, Grinshteyn E. Safer Cyberspace Through Legal Intervention: A Comparative Review of Cyberbullying Legislation: Safer Cyberspace Through Laws. *World Medical & Health Policy* 2016; 8(4):458-477.
6. Brochado S, Soares S, Fraga S. A Scoping Review on Studies of Cyberbullying Prevalence Among Adolescents. *Trauma Violence Abuse* 2016; 18(5):523-531.
7. Garaigordobil M. Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* 2011; 11:233-254.
8. Torres F, Vivas G. Comunicación electrónica y cyberbullying: Temas emergentes para la investigación e intervención socioeducativa. *Psicología desde el caribe* 2012; 29(3).
9. Della Cioppa V, O'Neil A, Craig W. Learning from traditional bullying interventions: A review of research on cyberbullying and best practice. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:61-68.
10. Stylios IC, Thanou O, Androulidakis I, Zaitseva E. Communication Security & Cyberbullying: A Review of the Legal Issues. *ACM Press* 2016; 66-71.
11. Tokunaga RS. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior* 2010; 26(3):277-287.
12. Notar C, Padgett S, Roden J. Cyberbullying: A review of the literature. *Universal Journal of Educational Research* 2013; 1(1):1-9.

13. Lucas-Molina B, Pérez-Albéniz A, Giménez-Dasí M. The assessment of cyberbullying: The present situation and future challenge. *Papeles del Psicólogo* 2016; 37(1):27-35.
14. Rogers R, Salgado TBP. O fim do virtual: os métodos digitais. *Lumina* 2016; 10(3):1-34.
15. Mafessoli M. *O tempo das Tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária; 2006.
16. Bruno F. *Modos de ver, modos de ser, vigilância tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2013. Coleção Cibercultura.
17. Martino LMS. *Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambiente e redes*. Petrópolis: Editora Vozes; 2014.
18. Castells M. *A galáxia da Internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar; 2015.
19. Lemos A. *Cibercultura. Tecnologia e vida social da cultura contemporânea*. 15ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2015.
20. Keen A. *Porque as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e nos desorientando*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar; 2012.
21. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE; 2015.
22. Burnett A, Yozwiak JA, Omar HA. Cyberbullying: A Brief Review. *Int J Adolesc Med Health* 2013; 6(4):465-468.
23. Shariff S. *Cyberbullying – Questões e soluções para a escola, alunos e a família*. São Paulo: Ed. Artimed; 2011.
24. Alim S. Cyberbullying in the World of Teenagers and Social Media: A Literature Review. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning* 2016; 6(2):68-95.
25. Arsène M, Raynaud J-P. Cyberbullying (ou cyber harcèlement) et psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent: état actuel des connaissances. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence* 2014; 62(4):249-256.
26. Grant MJ, Booth A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Inf Libr J* 2009; 26(2):91-108.
27. Pare G, Trudel MC, Jaana M, Kitsiou S. Synthesizing information systems know: A typology of literature reviews. *Information & Management* 2015; 52:183-199.
28. Hanewald R. Cyberbullying research: The current state. *Australian Education Computing* 2009; 24(1):10-15.
29. García-Maldonado G, Joffre-Velázquez VM, Martínez-Salazar GJ, Llanes-Castillo A. Cyberbullying: forma virtual de intimidación escolar. *Revista Colombiana de Psiquiatria* 2011; 11(2):233-254.
30. Stewart, D. M, Fritsch, E. J. School and Law Enforcement Efforts to Combat Cyberbullying. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth* 2011; 55(2):79-87.
31. Bailey G. Cyberbullying: Victimization Through Electronic Means. *Current Issues in Middle Level Education (CIMLE)* 2013; 18(1):1-7.
32. Bauman S. Cyberbullying: What Does Research Tell Us? *Journal Theory Into Practice* 2013; 54(4):249-256.
33. Sabella R, Patchin JW, Hinduja S. Cyberbullying myths and realities. *Computers in Human Behavior* 2013; 29(6):2703-2711.
34. Rémond J-J, Kern L, Romo L. Étude sur la "cyber-intimidation": cyberbullying, comorbidités et mécanismes d'adaptations. *L'Encéphale* 2015; 41(4):287-294.
35. Vivolo-Kantor A. A systematic review and content analysis of bullying and cyber-bullying measurement strategies. *Aggression Violent Behavior* 2015; 19(4):423-434.
36. Zych I, Ortega-Ruiz R, Del Rey R. Systematic review of theoretical studies on bullying and cyberbullying: Facts, knowledge, prevention, and intervention. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:1-21.
37. Aboujaoude E, Savage MW, Starcevic V, Salame WO. Cyberbullying: Review of an Old Problem Gone Viral. *J Adolesc Health* 2015; 57(1):10-18.
38. Smith P. The nature of cyberbullying and what we can do about it. *Journal of Research in Special Educational Needs* 2015; 15(3):176-184.
39. Wendt G, Lisboa C. Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. *Temas em Psicologia* 2014; 22(1):39-54.
40. Ang R. Adolescent cyberbullying: A review of characteristics, prevention and intervention strategies. *Aggression Violent Behavior* 2015; 24:35-42.
41. Castro Schreiber FC, Antunes MC. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. *Boletim Academia Paulista de Psicologia* 2015; 35(88):109-125.
42. Chibarro J. School Counselors and the Cyberbully: Interventions and Implications. *Professional School Counseling* 2007; 11(1):65-68.
43. Allison K, Bussey K. Cyber-bystanding in context: A review of the literature on witnesses' responses to cyberbullying. *Children and Youth Services Review* 2016; 65:183-194.
44. Kowalski R, Giumetti GW, Schroeder AN, Lattanner MR. Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin* 2014; 40(4):1073-1173.
45. Tanrikulu T. Cyberbullying from the perspective of choice theory. *Educational Research and Reviews* 2014; 9(8):660-665.
46. Thomas HJ, Connor JP, Scott J. Integrating Traditional Bullying and Cyberbullying: Challenges of Definition and Measurement in Adolescents – a Review. *Educ Psychol Rev* 2015; 27:135-152.
47. Slonje R, Smith P, Frisén A. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in Human Behavior* 2012; 29:1-7.
48. Baldry AC, Farrington D, Sorrentino A. "Am I at risk of cyberbullying?" A narrative review and conceptual framework for research on risk of cyberbullying and cybervictimization: The risk and needs assessment approach. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:36-51.
49. Zych I, Ortega-Ruiz R, Del Rey R. Scientific research on bullying and cyberbullying: where have we been and where are we going. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:1-21.
50. Berne S, Frisén A, Schultze-Krumbholz A, Scheithauer H, Naruskov K, Luik P, Katzer C, Erentaite R, Zukauskienė R. Cyberbullying assessment instruments: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 2012; 18(2):320-334.
51. Antoniadou N, Kokkinos C. A review of research on cyber-bullying in Greece. *International Journal of Adolescence and Youth* 2015; 20(2):185-201.

52. Cantone E, Piras AP, Vellante M, Preti A, Daniélsdóttir S, D'Aloja E, Lesinskiene S, Angermeyer MC, Carta MG, Bhugra D. Interventions on Bullying and Cyberbullying in Schools: A Systematic Review. *Clin Pract Epidemiol Ment Health* 2015; 11(Supl. 1):58-76.
53. Faucher C, Cassidy W, Jackson M. From the Sandbox to the Inbox: Comparing the Acts, Impacts, and Solutions of Bullying in K-12, Higher Education, and the Workplace. *Journal of Education and Training Studies* 2015; 3(6):111-125.
54. Suzuki K, Assaga R, Sourander A, Hoven CW, Mandell D. Cyberbullying and adolescent mental health. *Int J Adolesc Med Health* 2012; 24(1):27-35.
55. Mason K. Cyberbullying: A preliminary assessment for school personnel. *Psychology in the Schools* 2008; 45(4):323-348.
56. Von Marées N, Pettermann F. Cyberbullying: An increasing challenge for schools. *School Psychology International* 33(5):467-476.
57. Nosworthy N, Rinaldi C. A review of school board cyberbullying policies in Alberta. *Alberta Journal of Educational Research* 2013; 58(4):509-525.
58. Wingate VS, Minney JA, Guadagno R. Sticks and stones may break your bones, but words will always hurt you: A review of cyberbullying. *Social Influence Journal* 2013; 8(2-3):87-106.
59. Chisholm J. Review of the status of Cyberbullying and Cyberbullying Prevention. *Journal of Information Systems Education* 2014; 25(1):77-87.
60. Chan HC, Wong DS. Traditional school bullying and cyberbullying in Chinese societies: Prevalence and a review of the whole-school intervention approach. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:98-108.
61. El Asam A, Samara M. Cyberbullying and the law: A review of psychological and legal challenges. *Computers in Human Behavior* 2016; 65:127-141.
62. Cassidy W, Faucher C, Jackson M. Cyberbullying among youth: A comprehensive review of current international research and its implications and application to policy and practice. *School Psychology International* 2013; 34(6):575-612.
63. Mehari KR, Farrell AD, Le ATH. Cyberbullying among adolescents: Measures in search of a construct. *Psychology of Violence* 2014; 4(4):399-415.
64. Baek J, Bullock L. Cyberbullying: a cross-cultural perspective. *Emotional and Behavioural Difficulties* 2014; 19(2):226-238.
65. Smith BW, Dempsey AG, Jackson S, Olenchak FR, Gaa J. Cyberbullying among gifted children. *Gifted Education International* 2012; 28(1):112-126.
66. Wilkins J, Hoover JH, Miltenoff P, Downing TKE. New Communication Technologies And The Emergence Of Cyberbullying. *The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences* 2007; 2(3):407-412.
67. Desmet A, Van Cleem K, Bastiaensens S, Poels K, Vandebosch H, Malliet S, Verloigne M, Vanwolleghem G, Mertens L, Cardon G, Bourdeaudhuij ID. Bridging behavior science and gaming theory: Using the Intervention Mapping Protocol to design a serious game against cyberbullying. *Computers in Human Behavior* 2016; 56:337-351.
68. Runions KC, Bak M. Online Moral Disengagement, Cyberbullying, and Cyber-Aggression. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 2015; 18(7):400-405.
69. Dooley J, Pyżalski J, Cross D. Cyberbullying Versus Face-to-Face Bullying: A Theoretical and Conceptual Review. *Journal of Psychology* 2009; 217(4):182-188.
70. Hamm MP, Newton AS, Chisholm A, Shulhan J, Milne A, Sundar P, Ennis H, Scott SD, Hartling L. Prevalence and Effect of Cyberbullying on Children and Young People: A Scoping Review of Social Media Studies. *JAMA Pediatrics* 2015; 169(8):770-777.
71. Peterson MB, Peterson KA. Cyberbullying and Race: A Literature review. *The International Journal of Learner Diversity and Identities* 2014; 20(2).
72. Foody M, Samara M, Calbring P. A review of cyberbullying and suggestions for online psychological therapy. *Internet Interventions* 2015; 2(3):235-242.
73. Reed KP, Cooper RL, Nugent WR, Russel K. Cyberbullying: A literature review of its relationship to adolescent depression and current intervention strategies. *Journal of Human Behavior in the Social Environment* 2016; 26(1):37-45.
74. Korenis P, Billick SB. Forensic Implications: Adolescent Sexting and Cyberbullying. *Psychiatr Q* 2013; 85(1):97-101.
75. Pearce N, Cross D, Monks H, Waters S, Falconer S. Current Evidence of Best Practice in Whole-School Bullying Intervention and Its Potential to Inform Cyberbullying Interventions. *Australian Journal of Guidance and Counselling* 2011; 21(1):1-21.
76. Couvillon M, Illieva V. Recommended Practices: A Review of Schoolwide Preventative Programs and Strategies on Cyberbullying. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth* 2011; 55(2):96-101.
77. Hinduja S, Patchin J. Cyberbullying: A Review of the Legal Issues Facing Educators. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth* 2011; 55(2):71-78.
78. Gini G, Espelage DL. Peer Victimization, Cyberbullying, and Suicide Risk in Children and Adolescents. *JAMA* 2014; 312(5):545-546.
79. Nocentini A, Zambuto V, Menesini E. Anti-bullying programs and Information and Communication Technologies (ICTs): A systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 2015; 23:52-60.
80. Wendt G, Lisboa C. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psic. Clin.* 2014; 25(1):73-87.

Artigo apresentado em 28/12/2017
 Aprovado em 06/03/2018
 Versão final apresentada em 23/05/2018

